

Direto de Nápoles, o hip-hop como arma política

Grupo 99 Posse, fundado a partir de um movimento político jovem do sul da Itália, volta à ativa após hiato de sete anos e aponta suas letras combativas contra a classe política do país

Por Daniel Lima

Na terra da ópera e da canção romântica, há também a juventude inconformada, raivosa, rebelde. A trilha sonora da insatisfação desse pessoal dificilmente seria Caruso ou Sergio Endrigo. Para esses jovens italianos, há o 99 Posse, grupo de hip-hop/reggae/rap esquerdista, politizado e agressivo. Depois de quase dez anos sem se apresentar ao vivo ou lançar álbuns, seus integrantes voltam aos palcos para uma turnê 2009/10, ainda mais inflamados por conta da crise financeira recente.

Desde a criação do grupo, em Nápoles, no sul da Itália, o viés político foi o elemento que uniu Luca Zulù Persico, Massimo “Jrm” Jovineon e Marco Messina, núcleo principal do grupo formado na esteira da fundação, em 1991, do “centro social de ocupação autogerida” chamado Oficina 99. O 99 Posse surgiu como braço de expressão artística desse movimento político. E foi naquele mesmo ano que o conjunto lançou seu primeiro single, com as canções “Rafaniello” e “Salario Garantito”.

O primeiro álbum veio em 1993, intitulado *Curre curre guaglió* e lançado de forma independente. A pretensão do grupo, desde o início, era combinar arte com uma observação aguda e crítica da realidade, além de reaproximar a própria cultura local dos meios de divulgação - em algumas faixas,

a banda canta no dialeto falado em Nápoles, postura não muito comum no país, quanto mais no hip-hop. A atitude de confronto surgia também nas capas dos discos: numa etiqueta, o grupo divulgava um “preço sugerido”, e aconselhava que os fãs não pagassem mais do que aquele valor.

Em 1994, o grupo não só lançou um disco duplo ao vivo, *Incredibile opposizione tour 94*, como também inaugurou um selo próprio, o Novenove, dedicado a revelar talentos locais do hip-hop.

Com *Cerco tiempo e Corto circuito*, discos de 1996 e 1998, o grupo começa a chamar a atenção fora do *underground* italiano ao vender 80 mil e 160 mil cópias, respectivamente - números altíssimos para o mercado italiano, ainda mais considerando-se a veia marginal do trabalho do 99 Posse.

A postura de confronto do grupo não se manteve sem consequências. Ao longo da carreira, o 99 Posse já acumula diversos processos criminais, sofridos sob acusações como desacato à autoridade, apologia ao crime e à violência, ocupação ilegal, posse e tráfico de drogas, agressão, entre outras. No entanto, nunca foram condenados por nenhuma dessas acusações.

O grupo lançou seu último álbum de estúdio em 2000, *La vida que vendrá*, mesmo ano em que foi criado o Fórum Social de Gênova, evento que atraiu manifestantes de todo o mundo e do qual o 99 Posse tomou parte. O clima de protestos antiglobalização, não só em Gênova como também em Seattle, nos EUA, influenciou o último trabalho

do grupo, que também enfrentava dificuldades em suas negociações com as gravadoras - o disco foi lançado pela multinacional BMG, mas sob um contrato repleto de restrições para a gravadora, como a proibição do uso das faixas em coletâneas, remixes e comerciais. A parceria, entretanto, não fluiu com tanta tranquilidade: o grupo acusou a gravadora de censurar uma faixa do disco, chamada "L'anguilla", pois ela fazia menção ao político italiano Bettino Craxi, que morrera em 2000. Craxi, líder do Partido Socialista Italiano, fora premiê italiano entre 1983 e 1987, embora enfrentasse acusações, por parte de alas mais radicais do partido, de ser, na verdade, de direita. A gravadora optara por censurar a música sem consultar o grupo.

Outro ponto do acordo com a BMG era a redução do preço de venda do álbum por um valor inferior à média de preço do mercado. A crença do grupo era que o valor cobrado pela música era alto

demais: "Música devia ser um serviço público como as escolas e os hospitais", defendem.

Esse conceito da música reflete a ideologia do grupo, abertamente comunista. Para eles, o comunismo é a ferramenta idealizada pelas pessoas que desejam mudanças no estado de

coisas vigentes. Os integrantes da banda chegaram até a visitar a base do Exército Zapatista, no México, no final dos anos 1990.

Em 2002, o 99 Posse fez sua última apresentação antes de entrar num longo hiato criativo. O retorno, em 2009, veio acompanhado de um manifesto ácido e direto. "O grupo [99 Posse vê a Itália em estado] de emergência democrática e econômica, um país em declínio e onde novas experiências de repressão política alimentam uma sociedade propensa cada vez mais a frequentes episódios de racismo e intolerância."

Sobra até para as gravadoras, acusadas de falharem em "desenvolver novos modelos de negócio alinhados com as novas tecnologias", e para a televisão, tida como veículo que "engana milhares de novos artistas

ao prometer, na melhor das hipóteses, fama passageira e descartável". Com um discurso afiado como esse, o 99 Posse deve fazer ainda muitos estragos e boas batidas.

Gennaro Navarra/Divulgação



Mesmo com a veia marginal de suas composições e de sua postura, o 99 Posse chegou a vender 160 mil cópias do seu disco *Corto Circuito*, de 1998